



A produção científica sobre jornalismo de saúde: estado da arte dos trabalhos apresentados nos Congressos da Intercom entre 2001 e 2010¹

Felipe da Costa²

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar um panorama da pesquisa sobre jornalismo de saúde no Brasil. Buscamos contribuir para uma sistematização de um estado da arte, a partir dos artigos apresentados nos dez primeiros Congressos Nacionais da Intercom do Século XXI. Os dados quantitativos aqui apresentados foram coletados a partir da técnica de Análise de Conteúdo. Entre as considerações finais, apontamos para o crescimento da pesquisa em jornalismo de saúde, a predominância dos meios jornal e revista entre as pesquisas, e os estudos sobre o texto jornalístico. Além da necessidade de se estudar a prática no rádio e na TV, meios de grande audiência, e na internet, e ainda de se realizar estudos de recepção.

Palavras-chave

Jornalismo de Saúde; Estado da arte; Intercom; Pesquisa.

Introdução

A pesquisa em jornalismo no Brasil é relativamente recente. Strelow (2011) afirma que os estudos desta área foram intensificados a partir da década de 1950, quando os primeiros cursos de jornalismo no Brasil foram criados. Entretanto, somente no ano de 1972 foi defendida na USP a primeira tese em jornalismo do país, por José Marques de Melo. (FRANCISCATO et al, 2010)

Hoje a pesquisa em jornalismo tem crescido e busca consolidação. Atualmente a Capes apresenta 44 cursos recomendados na área de comunicação³. Além do crescimento dos mestrados e doutorados, as associações científicas da área, como a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPI) e a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), também tem contribuído para o aumento das discussões sobre o jornalismo.

¹ Trabalho apresentado na modalidade Artigo Científico na IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Mestrando em Jornalismo (UFSC), bacharel em Jornalismo e especialista em Gestão da Comunicação Empresarial (Univali). Pesquisador do Monitor de Mídia. E-mail: contato@felipedacosta.com.br.

³ Disponível em <http://capes.gov.br>. Acesso em 11 de junho de 2013.

Apesar deste crescimento na pesquisa, não é comum a realização de trabalhos de estado da arte para refletir sobre as pesquisas já realizadas em jornalismo. Esta constatação é evidente no artigo de Strelow (2011), em que mostra alguns dos trabalhos realizados no século passado e no início deste. Estes trabalhos verificam as tendências no estudo do jornalismo relativo à temática, metodologias, meio analisado, entre outros. Mas não se debruçam sobre cada temática ou especialidade.

Entre as temáticas do jornalismo, o científico ganha bastante destaque. Isto porque esta especialidade do jornalismo tem como principal função a de democratizar o conhecimento técnico-científico, tirando dos laboratórios e universidades e levando para o público leigo.

O jornalismo de saúde é uma das principais áreas discutidas no jornalismo científico. E, segundo Bueno (2013), um dos mais importantes. Segundo o pesquisador, as notícias que envolvem esta temática seduzem o público porque a saúde é o maior patrimônio do ser humano.

Dada esta importância, nosso objetivo com este artigo é apresentar um panorama quantitativo da pesquisa em jornalismo de saúde no Brasil. Nossa intenção não é fazer “o” estado da arte, mas sim contribuir com esta sistematização. Por este motivo, fizemos um recorte dos trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, o maior evento da área, entre os anos de 2000 a 2010.

Jornalismo de saúde: uma especialidade do jornalismo científico

Como já defendemos em trabalho anterior (COSTA e JOHN, 2012), o jornalismo de saúde é uma especialização do jornalismo científico, que por sua vez é uma das formas de realizar a divulgação científica.

Segundo Bueno (2010), existem duas formas de levar o resultado de estudos a outras pessoas, e que estas diferem por causa do perfil do público, o nível do discurso, a natureza dos canais e a divergência das intenções.

A comunicação científica “(...) diz respeito à transferência de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações e que se destinam aos especialistas em determinadas áreas do conhecimento” (Bueno, 2010, p. 2). Esta modalidade é dirigida aos especialistas que



já estão familiarizados com os temas os conceitos e o próprio processo da produção da ciência e tecnologia.

A comunicação científica é difundida principalmente por eventos técnico-científicos e periódicos científicos, e tem como intenção “(...) a disseminação de informações especializadas entre os pares, com o intuito de tornar conhecidos, na comunidade científica, os avanços obtidos [...] em áreas específicas ou à elaboração de novas teorias ou refinamento das existentes” (Bueno, 2010, p. 5).

A segunda forma de difusão do conhecimento científico é a divulgação científica. Esta modalidade utiliza “(...) de recursos, técnicas, processos e produtos (veículos ou canais) para a veiculação de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações ao público leigo” (BUENO, 2009, p.162).

Como o público a que se destina não é, em sua maioria, alfabetizado cientificamente, a mensagem da divulgação científica precisa utilizar de recursos para decodificar ou recodificar o discurso especializado, como metáforas, ilustrações e infográficos (Bueno, 2010).

Bueno relata que muitas vezes a divulgação científica está associada à difusão de informações pela imprensa, e às vezes até se confunde com o jornalismo científico. Entretanto, a divulgação científica “(...) extrapola o território da mídia e se espalha por outros campos ou atividades, cumprindo papel importante no processo de alfabetização científica” (Bueno, 2010, p. 3). Já sobre as intenções da divulgação científica, Bueno afirma que cumpre um papel essencial ao

[...] democratizar o acesso ao conhecimento científico e estabelecer condições para a chamada alfabetização científica. Contribui, portanto, para incluir os cidadãos no debate sobre temas especializados e que podem impactar sua vida e seu trabalho, a exemplo de transgênicos, células tronco, mudanças climáticas, energias renováveis e outros itens.” (BUENO, 2010, p. 5)

Albagli (1996) pensa de forma parecida. A pesquisadora aponta que a divulgação científica pode estar orientada para três objetivos: cívico, mobilização popular e educacional.

O papel cívico, segundo a autora, desenvolve uma opinião pública informada sobre os impactos do desenvolvimento científico e tecnológico sobre a sociedade, particularmente em áreas críticas do processo de tomada de decisões. Trata-se de “de transmitir informação científica voltada para a ampliação da consciência do cidadão a respeito de questões sociais,

econômicas e ambientais associadas ao desenvolvimento científico e tecnológico” (ALBAGLI, 1996, p. 397).

A mobilização popular busca ampliar a possibilidade e da qualidade da participação da sociedade na formulação de políticas públicas. “Trata-se de transmitir informação científica que instrumentalize os atores a intervir melhor no processo decisório” (ALBAGLI, 1996, p. 397). Já o educacional serve para a ampliação do conhecimento e da compreensão do público leigo e sua lógica.

Neste caso, trata-se de transmitir informação científica tanto com um caráter prático, com o objetivo de esclarecer os indivíduos sobre o desvendamento e a solução de problemas relacionados a fenômenos já cientificamente estudados, quanto com um caráter cultural, visando a estimular-lhes a curiosidade científica enquanto atributo humano. (ALBAGLI, 1996, p. 397)

Apesar de haver diversas maneiras de divulgar a ciência, nosso interesse nesta pesquisa é tratar de um caso específico, a divulgação científica realizada por meio do jornalismo científico, que segundo Bueno (1984, apud BERTOLLI FILHO 2006, p. 4) é:

Um caso particular de divulgação científica e [que] refere-se a processos, estratégias, técnicas e mecanismos para veiculação de fatos que se situam no campo da ciência e da tecnologia. Desempenha funções econômicas, político-ideológicas e sócio-culturais importantes e viabiliza-se, na prática, através de um conjunto diversificado de gêneros jornalísticos.

O jornalismo pode se tornar uma excelente maneira de popularizar os assuntos da ciência. Albagli (1996, p. 400) acredita que “(...) o jornalismo científico permanece sendo o veículo mais tradicional para a divulgação da ciência e a transmissão de informação científica para o público leigo”.

Além disso, também devemos levar em consideração a abrangência que o jornalismo pode ter. A divulgação científica através do jornalismo pode envolver um número maior de pessoas com o número menor de mensagens emitidas de uma vez. Diferente, por exemplo, de exposições em museus de ciência, onde o guia precisa repetir a mesma mensagem para diversos grupos de visitantes. Ivanissevich (2005, p. 14) destaca que “os meios de comunicação são o caminho mais imediato e abrangente de intensificar a divulgação científica para o grande público”.



Outro papel importante do jornalismo científico é o de educar para a ciência. Melo (2006, p. 119), afirma que “Nos países subdesenvolvidos, a tarefa principal do jornalismo é educar as grandes massas para que possam assumir o seu papel de sujeito da história. Isso significa acesso ao conhecimento, participação política e mobilização social”, em outras palavras, os mesmos objetivos citados anteriormente por Albagli (1996). Segundo o autor, o jornalismo científico:

Deve ser uma atividade principalmente educativa. Deve ser dirigido à grande massa da população e não apenas à sua elite. Deve promover a popularização do conhecimento que está sendo produzido em nossas universidades e centros de pesquisa, de modo a contribuir para a superação dos muitos problemas que o povo enfrenta. Deve utilizar uma linguagem capaz de permitir o entendimento das informações pelo cidadão comum. Deve gerar o desejo do conhecimento permanente, despertando o interesse pelos processos científicos e não pelos fatos isolados e seus personagens. Deve discutir a política científica, conscientizando a população que paga impostos para participar das decisões sobre a alocação de recursos que significam o estabelecimento de prioridades na produção do saber. Deve realizar um trabalho de iniciação dos jovens ao mundo do conhecimento e de educação continuada dos adultos.” (MELO, 2006, p. 118)

Segundo Caldas (2010) a divulgação científica na área da saúde é uma das mais lidas. A autora afirma que o grande interesse está diretamente associado à responsabilidade social da comunicação, e que por este motivo não deve ser explorada de forma sensacionalista e deve considerar aspectos preventivos e não apenas de cura de enfermidades. A autora considera a comunicação para da saúde um processo educativo. Conforme explicam os dinamarqueses Meillier, Lund e Gerdes (1997, *apud* Bueno *et al*, 2010):

A divulgação em saúde cumpre uma função indireta na mudança dos hábitos de vida, mantendo o conhecimento já adquirido e provendo novas informações. Quando os assuntos de saúde são colocados em pauta, como resultado de uma discussão ou experiências pessoais, esse conhecimento ajuda a formar o modo de reação dos indivíduos às situações que têm de enfrentar ao longo da vida. (...) Por causa do peso que tem o conhecimento experimental nas tomadas de decisão pessoais, é particularmente importante, para a prevenção, mostrar o conhecimento teórico sobre o que é saudável e o que não é relacionando-o a experiências individuais. Isto significa que a informação veiculada através dos meios de comunicação de massa não inicia o processo cognitivo, mas serve como uma fonte a mais no *input* de base afetiva.



Ou seja, o objetivo da educação em saúde é informar o cidadão, visando que ele relacione os dados com sua vida. Apesar de não ser uma garantia, o jornalismo, como forma social de conhecimento, pode gerar benefícios aos leitores fazendo com que a informação seja usada de forma a mudar suas atitudes e comportamentos.

Metodologia

Para a realização desta pesquisa seguimos o modelo de pesquisa bibliográfica proposta por Gil (2007), que a divide em três etapas: leitura exploratória, leitura seletiva, leitura analítica e leitura interpretativa. Como o objeto de pesquisa já estava delineado partimos direto para a segunda etapa para determinar o material que será utilizado.

Utilizamos como base a pesquisa realizada por Personi e Quirino (2011), que tinha como objeto os artigos sobre comunicação e saúde apresentados no Intercom de 2000 a 2010. Como este artigo tem o foco no jornalismo de saúde, descartamos as divisões temáticas Publicidade e Propaganda e RP e Comunicação Organizacional.

Nesta etapa, a partir da leitura dos títulos, resumo e palavras-chave, buscamos os textos sobre jornalismo de saúde nas divisões temáticas Jornalismo, Comunicação Audiovisual, Interfaces comunicacionais, Comunicação, Espaço e Cidadania, e Estudos Interdisciplinares. Ao todo fizemos download de 38 artigos.

Na leitura analítica, foram lidos os textos integralmente. Utilizamos como técnica de coleta de dados a análise categorial da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1977). Selecionamos assim os estados e universidades de origem e titulação dos autores, grupos de pesquisa, meio, metodologia e temática.

Durante esta etapa foram excluídos ainda mais dois artigos por não tratarem de jornalismo de saúde, contabilizando o total de 36 trabalhos apresentados sobre o tema. A quantidade de artigos ficou dividida por ano de apresentação conforme a tabela a seguir.

Tabela 1 - Trabalhos apresentados por ano do evento

Ano	Número de trabalhos
2001	2
2002	2
2003	2
2004	2

2005	1
2006	5
2007	5
2008	4
2009	7
2010	6
Total	36

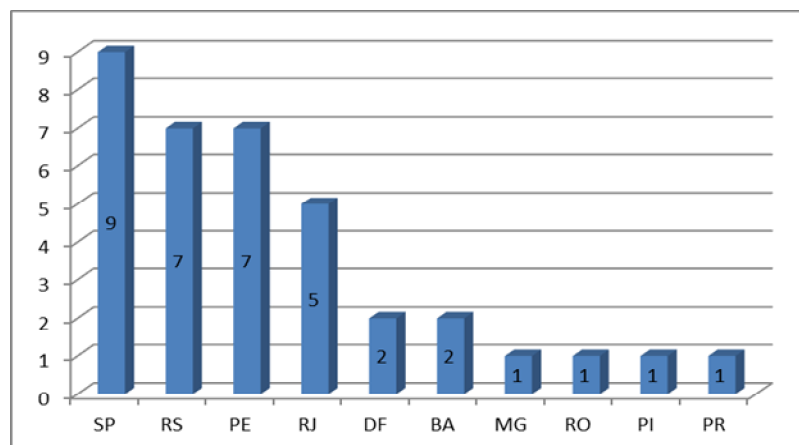
Com a tabulação foi possível seguir para a quarta e última etapa da pesquisa, leitura interpretativa, “que tem por objetivo relacionar o que o autor afirma com o problema para o qual se propõe a uma seleção” (GIL, 2007, p. 79). Segundo o autor, esta etapa se difere da anterior, pois os dados coletados serão relacionados com outros conhecimentos.

Mapeamento dos trabalhos sobre jornalismo de saúde na Intercom

A maior quantidade dos trabalhos sobre jornalismo de saúde, apresentados nos Congressos Anuais da Intercom, são de origem do estado de São Paulo, com 25% do total de artigos. Logo em segundo lugar estão os estados do Rio Grande do Sul e de Pernambuco, com 19% dos trabalhos cada.

Na lista dos estados com a produção mais expressiva em Jornalismo de saúde está ainda o Rio de Janeiro, com 14%. Distrito Federal e Bahia foram os estados que apresentaram 6% dos trabalhos, enquanto Minas Gerais, Roraima, Piauí e Paraná tiveram apenas 3% dos trabalhos.

Tabela 2 - Estado de origem dos autores dos trabalhos



Se o estado com a maior quantidade de artigos sobre jornalismo de saúde é São Paulo, a universidade que mais concentra os trabalhos fica fora deste eixo. A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) é responsável por 19% do total da produção, e é a única universidade entre as pesquisadas que parece dar um destaque para esta especialização do jornalismo.

As universidades que tiveram mais de um trabalho apresentado na Intercom sobre o tema jornalismo de saúde são a Universidade Federal de Passo Fundo (UPF), com 8% do total de artigos, Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com 6% cada. As demais 22 inferências⁴ aparecem somente com 3%.

Tabela 3 - Universidades com mais de um artigo apresentado

UFPE	7
UPF	3
UMESP	2
UFRJ	2

Para calcular as universidades de origem dos trabalhos apresentados na Intercom selecionamos por artigo, e não por Universidade. Desta forma, se o artigo estiver assinado por autores de instituições diferentes, ou um autor ter mais de um vínculo, será contado como se fosse uma única instituição. Como foi o caso de um artigo assinado pela UPF e UMESP e outro pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Fundação Oswaldo Cruz da Bahia (FIOCRUZ-BA). Mesmo se tivéssemos contado por instituição, ao invés de por artigo, somente a UFBA teria entrado na lista, com dois trabalhos, e a UPF e UMESP teriam um artigo a mais cada.

Já quanto a titulação dos pesquisadores que apresentaram seus trabalhos nos dez primeiros congressos da primeira década dos anos 2000 são em sua maioria doutores, com 44% do total. Em segundo lugar com maior número de autores estão os mestres, com 31%. Em menor número, mas ainda com grande incidência estão os doutorandos e os mestrados, com 25% e 22% respectivamente.

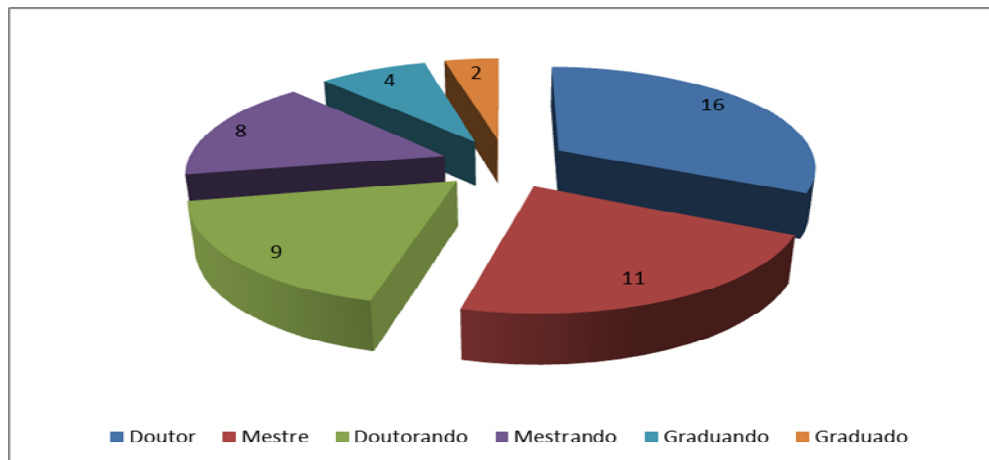
Já os graduandos e graduados aparecem em menor número, com 11% e 6%, o que se explica pelo fato do Encontro de Núcleos de Pesquisa ser destinado aos doutores, doutorandos,

⁴ Tiveram apenas um trabalho apresentado as seguintes instituições: Cásper Líbero; FIAMFAAM; FIOCRUZ-RJ; FURG; IMESB; Mackenzie; UERJ; UFBA; UFBA e FIOCRUZ-BA; UFPI; UFRGS; UnB; UNESP; UNIBH; Unicamp; UniCEUB; UNIFAE; UNIR; Unisinos; UGF; UP; UPF e UMESP.



mestres, mestrandos e especialistas. Os graduados e graduandos aparecem sempre como coautores nos trabalhos.

Tabela 4 - Titulação dos autores dos trabalhos



Os trabalhos sobre jornalismo de saúde foram apresentados originalmente em seis núcleos de pesquisa: Comunicação científica e ambiental; ciência, meio ambiente e sociedade; comunicação científica; jornalismo; jornalismo impresso; e gêneros jornalísticos, conforme segue a tabela.

Tabela 5 - Núcleos de pesquisa

Comunicação Científica e Ambiental	11
Ciência, Meio ambiente e Sociedade	9
Comunicação Científica	8
Jornalismo	4
Jornalismo impresso	3
Gêneros Jornalísticos	1

Se fossemos enquadrar nos diretórios temáticos hoje existentes, 28 dos 36 artigos estariam no DT Interfaces comunicacionais, no grupo de pesquisa Comunicação, ciência, meio ambiente e sociedade. Os outros oito trabalhos restantes estariam no DT jornalismo. Isto acontece, porque o GT Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e sociedade tem na ementa questões mais específica à área, como jornalismo científico, divulgação científica, popularização da ciência



entre outros. Questões que normalmente discutidas no jornalismo de saúde, já que é uma das especializações do científico.

Entre os meios estudados nos artigos que analisamos, o que tem a maior preferência entre os pesquisadores é o jornal, com 47% dos trabalhos. Quase metade de toda a produção. As revistas aparecem em segundo lugar, com 28%, seguidos de telejornais, com 8%, e jornal e revista analisados no mesmo artigo, com 6%.

Tabela 6 – Meios de Comunicação

Jornal	17
Revista	10
Telejornal	3
Jornal e Revista	2
Rádiojornalismo	1
Jornal e telejornalismo	1
Jornal e revista científica	1
Webjornalismo	1

O jornal como principal meio estudado no jornalismo não é exclusivo nas pesquisas sobre jornalismo de saúde. Ao realizar o estado da arte da pesquisa em jornalismo no Brasil entre os anos de 1983 e 1997, Wainberg e Pereira (1999) constataram que o jornal é o meio mais analisado tanto nos livros, artigos publicados em revistas científicas e teses dissertações. Em todas as modalidades com mais de 75% dos estudos.

O jornal também foi o meio mais estudado na pesquisa realizada por Medistch e Segala (2005), tomando como base os trabalhos apresentados nos anos de 2003 e 2004, nos grupos de pesquisa dos congressos da SBPJor, Intercom e Compós. Assim como na pesquisa de Strelow (2011) realizada com 17 periódicos científicos da área de comunicação avaliadas com qualis B1 e B2.

Entretanto, em nenhuma das pesquisas de estado da arte sobre jornalismo acima mencionadas tem tanta as revistas como um meio tão evidenciado. Entretanto, a maioria dos trabalhos que analisam este meio tem como objeto de estudo em sua maioria revistas de informação geral, ou femininas, e não revistas especializadas da área de saúde como era de se esperar.

Outro dado que diverge dos estudos focados na grande área do jornalismo é a baixa incidência dos estudos sobre o jornalismo online. Durante anos 2000 tem crescido o número de trabalhos



sobre o jornalismo na internet, como demonstram os estudos de Medistch e Segala (2005) e Strelow (2011). Por ser um suporte relativamente novo e ainda estar em configuração, a internet tem despertado grande interesse dos pesquisadores de diversas áreas. Entretanto, apenas um dos artigos analisados tinha o webjornalismo como meio analisado.

Identificamos nos trabalhos apresentados na Intercom sobre jornalismo de saúde a utilização de nove metodologias, se contarmos a utilização de metodologias híbridas como sendo apenas uma. A maior parte dos estudos foram analisados por meio da Análise do Discurso, com 36% dos trabalhos. Das metodologias que foram utilizadas em mais de um trabalho estão ainda a análise de conteúdo, com 14%, e entrevista e análise de enquadramento com 6% cada.

Tabela 7 - Metodologia dos trabalhos

Análise do Discurso	13
Não demonstra metodologia	9
Análise de Conteúdo	5
Entrevista	2
Análise de Enquadramento	2
Questionário, Entrevista semi-estruturada e AC	1
Entrevista em profundidade	1
Análise de Caso	1
Index Scientific Quality	1
Semiologia dos Discursos Sociais	1

O mais preocupante nestes dados é que 25% dos trabalhos sobre jornalismo de saúde não citam a metodologia. Alguns deles até apresentam um trecho que fala da metodologia, mas não citam a técnica utilizada para o tratamento dos dados.

A mesma constatação fizeram Hohlfeldt e Strelow (2007 apud SILVA, 2011) quando analisaram os artigos apresentados no grupo de pesquisa em jornalismo da Intercom entre 1998 e 2007. Dos 162 artigos empíricos analisados 28 deles não apresentaram metodologia. Entretanto, não é só no DT Jornalismo em que são aprovados artigos sem a metodologia. Dos nove artigos que não apresentam a metodologia, apenas quatro eram do DT Jornalismo, e os cinco restantes do GT Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e sociedade.

Notamos também nos dados coletados o que Silva (2008) chama de predominância da pesquisa com textos jornalísticos. Cerca de 23 artigos, dos que citaram a metodologia analisam o produto jornalístico. Apenas um trabalho entrevistou os produtores e outro



entrevistou receptores, embora não tenham utilizado denominação de estudos de *newsmaking* nem de recepção.

Com a análise dos trabalhos apresentados nos congressos, agrupamos os temas discutidos em 21 categorias. Destas, apenas sete tiveram mais de uma incidência. O tema mais discutido foi cobertura de saúde, com 19% dos artigos. Em segundo lugar aparece a discussão sobre câncer, com 14%, e saúde e estética e gripe logo atrás, com 11% cada. Já os temas doenças mentais, células tronco, dengue e qualidade de vida apareceram com 6%.

Tabela 8 - Tema dos artigos

Cobertura de Saúde	7
Câncer	5
Saúde e estética	4
Gripe	4
Células tronco	2
Doenças mentais	2
Dengue	2
Qualidade de vida	2
Vacina	1
Aids	1
Alzheimer	1
Jornalismo literário e saúde	1
Saúde da Mulher	1
Bioética	1
Aids e Dengue	1
Remédios	1

Dos trabalhos, 16 deles tratam de algum tipo de doença. Mesmo assim, a maioria dos trabalhos apresentados aponta para o potencial de educação em saúde e promoção da cidadania realizado pelo jornalismo de saúde, mesmo que os dados quantitativos apresentados ainda não demonstrem isso.

Considerações Finais

Apresentamos neste artigo os dados iniciais da pesquisa que tem como objetivo mostrar um panorama quantitativo da pesquisa sobre jornalismo em saúde no Brasil, tendo como foco os



artigos apresentados entre os anos de 2001 a 2010. Lembramos que nossa intenção não é a de fazer “o” estado da arte, mas de apresentar, neste recorte, um panorama do que se pesquisa sobre jornalismo em saúde no país.

Com esta análise dos dez primeiros congressos da Intercom realizados no século XXI, podemos dizer que o jornalismo de saúde está acompanhando o crescimento que a pesquisa em jornalismo está apresentando nos últimos anos. Dos 36 trabalhos aqui analisados, 27 foram apresentados na segunda metade da década, entre os anos de 2006 e 2010.

E acreditamos que a tendência destes números é de aumentar ainda mais, já que 44% dos autores dos artigos são de doutores, e que estes são responsáveis por formar novos pesquisadores em todo o país.

A maioria dos trabalhos é originária dos grandes centros: São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Estados que apresentam uma sólida tradição em pesquisa, dado ao grande número de universidades. Entretanto, além de Pernambuco também integrar esta lista dos estados com o maior número de produção, a Universidade Federal de Pernambuco é a que mais apresentou trabalhos nesses dez anos de evento.

Jornais e revistas representam a maioria dos meios analisados. Acreditamos que deve ser investido ainda em pesquisas que tenham a televisão e o rádio como objeto de estudo. Principalmente se formos discutir o potencial educativo do jornalismo de saúde, e a influência que possa ter nas camadas mais pobres da população. Um meio que também merece ser estudado com maior intensidade é a internet, pois existe uma grande facilidade em se encontrar informações, independente do leitor acompanhar algum veículo específico.

Das metodologias empregadas nos artigos analisados, ganham destaque a Análise do Discurso e Análise de Conteúdo. Embora seja importante verificar o quê se publica sobre jornalismo de saúde, acreditamos que o maior desafio desta área para os próximos anos será o de verificar se esta especialidade do jornalismo representa uma efetiva mediação entre os receptores. Se o uso que eles fazem das informações repassadas pela mídia realmente faz com que mudem hábitos para uma vida mais saudável.

Por fim, acreditamos ainda ser necessário um aprofundamento mais qualitativo nos trabalhos aqui apresentados. Os dados quantitativos mostram as tendências gerais dos artigos apresentados no maior congresso brasileiro de comunicação entre os anos 2001 a 2010, mas



ainda é necessário mergulhar nos próprios resultados dessas pesquisas. Verificar se realmente a mídia tem contribuído para a educação em saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: informação para a cidadania? **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, 1996.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC)**.

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15 n. esp., 2010

_____. Jornalismo científico: revisitando o conceito. In: VICTOR, C.; CALDAS, G.; BORTOLIERO, S. (Org.). **Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: All Print, 2009.

_____. Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente. Tese (Doutorado) – Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984. *Apud* BERTOLLI FILHO, Cláudio. Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC)**. 2006.

_____. Jornalismo em Saúde. **Portal do Jornalismo Científico**. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br>>. Acesso em: 16 de junho de 2012.

CALDAS, Graça. Comunicação da saúde. IN: INTERCOM. **Enciclopédia Intercom de Comunicação**. São Paulo, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

COSTA, Felipe da; JOHN, Valquíria Michela. Educação em saúde e Promoção institucional nas revistas *Essência* e *Unimed*. *Rev. Estud. Comun.*, Curitiba, v. 13, n. 30, jan-abr 2012.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo; et al. A produção de conhecimento no campo do jornalismo. In: MELO, José Marques (org.); CASTRO, Daniel (org.); CASTRO, Cosette (org.). *Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil*, v. 3, Memória das associações científicas e acadêmicas da comunicação no Brasil. Brasília: IPEA, 2010.

HOHFELDT, Antônio; STRELOW, Aline. Metodologias de pesquisa. O estado da arte no campo do jornalismo. In: 5º SBPJor – Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Aracaju, nov. 2007. *Anais...* Aracaju: SBPJor, 2007. *Apud*: SILVA, Gislene. Problemática metodológica no jornalismo impresso. **Rumores**, São Paulo, n. 3, 2008.



IVANISSEVICH, Alicia. A mídia como intérprete: como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. IN: VILASBOAS, Sérgio (org.). **Formação e informação científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.

MEDISTCH, Eduardo; SEGALA, Mariana. Trends in three 2003/4 academic meetings. *Brazilian Journalism Research*, v.1, n. 1, 2005.

MEILLIER, Lucette K.; LUND, Anker Brink; GERDES, Lars Ulrik. The backpack function of Health Education: use of knowledge types concerning prevention of coronary heart disease. *Science Communication*. vol. 18. n. 3, 1997. In: BUENO, Wilson da Costa; *et al.* Divulgação da saúde na imprensa brasileira: expectativas e ações concretas. **Portal do Jornalismo Científico**. Disponível em <<http://www.jornalismocientifico.com.br>>. Acessado em 29 de maio de 2010.

MELO, José Marques de Melo. **Teorias do Jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

PESSONI, Arquimedes; QUIRINO, Andrea Aparecida. A temática “Saúde” na pauta da Intercom: análise dos anais dos congressos de 2000 a 2011. In: XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2011, Recife. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2011.

SILVA, Gislene. Problemática metodológica no jornalismo impresso. **Rumores**, São Paulo, n. 3, 2008.

STRELOW, Aline. O estado da arte da pesquisa em jornalismo no Brasil: 2000 a 2010. *Intexto*, Porto Alegre, v. 2, n. 25, dez 2011.

WAINBERG, Jacques A.; PEREIRA, Manuel Luís Petrick. Estado da arte em jornalismo no Brasil: 1983-1997. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 11, 1999.